



QUEM TEM MEDO DAS EMOÇÕES?

ANA PAIS

Lisboa, PER FORM ATIVA, 2022, 98 pp.

REFLEXÕES A PARTIR DA LEITURA DO LIVRO DE ANA PAIS: QUEM TEM MEDO DAS EMOÇÕES?

JOÃO MARIA ANDRÉ

INSTITUTO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (IEF-UC)

Em 2022, Ana Pais publica o pequeno livro *Quem tem medo das emoções?* como uma espécie de saída reflexiva de um período forte em que, devido à pandemia, fomos afetados por emoções de sinal diverso, por vezes de sentido oposto, e em que ora exercemos, de forma consciente, uma vigilância sobre elas e sobre as suas formas de expressão, ora nos deixámos possuir por elas, quase sem nos darmos conta dessa “possessão”. O livro é constituído por uma introdução, uma conclusão e 12 textos, relativamente breves (o mais longo tem 13 páginas, sendo dedicado a Marcelo Rebelo de Sousa, e subdivide-se em duas secções). Trata-se de textos críticos, reflexivos, em que a afetividade não deixa de se cruzar com a razão e que nascem de experiências concretas, vividas e estruturadas em clima pandémico, estando em causa tanto emoções sentidas pela própria autora, como emoções captadas à sua volta, em protagonistas diferentes (desde figuras públicas à pessoa anónima da rua e do quotidiano). Essas experiências nascem de pretextos muito marcados e circunstâncias tão diversas como *shows* televisivos, espetáculos teatrais, atmosferas gerais (como o medo na pandemia), notícias dos jornais nacionais

e internacionais, celebrações icônicas, como a do 25 de Abril, a exposição de figuras públicas, como Marcelo Rebelo de Sousa ou Marta Temido, ou a vivência das varandas como espaços semipúblicos e semiprivados. Não sendo um livro acadêmico, o discurso não deixa de ser pontuado, fundamentado e suportado por algumas referências recolhidas no final e de que destacaríamos, por exemplo, Teresa Brennan (Brennan, 2004) ou Sara Ahmed (Ahmed, 2004). E se são diversificados os pretextos de que nascem os breves ensaios que integram esta publicação, não o são menos os temas tratados nas quase cem páginas que a constituem: atmosferas afetivas, transmissão de emoções, a dimensão privada e a dimensão pública na sua vivência e expressão, a relação entre as emoções e o conhecimento, o corpo e as emoções, as emoções e o teatro, a distinção entre afetos positivos e afetos negativos, a recolocação das emoções numa “economia afetiva” e rituais afetivos são alguns dos exemplos que demonstram bem a capacidade com que a autora passa da superfície das águas para a sua profundidade, onde deslinda múltiplos nós conceptuais com perspicácia, inteligência e, ao mesmo tempo, inscrição no real de que fala e de que também se sente sujeito, objeto e protagonista. O desafio deste livro é, assim, pensar o que se sente (talvez sem deixar de sentir o que se pensa). É um conjunto de crônicas ensaísticas ou de microensaios que dão que pensar. Por isso, mais do que fazer uma síntese do livro, que cada leitor fará por si, vou tentar pensar com o livro para além do livro, ou seja, tentar responder aos desafios para que abre (e penso que essa é a melhor homenagem que podemos fazer a um livro).

Começaria por destacar que, de modo consciente ou inconsciente, o título, na sua formulação, se caracteriza por um significado de certo modo paradoxal. Efetivamente, a pergunta que o constitui é sobre “quem tem medo das emoções”. Mas ter medo das emoções

é afirmar, por um lado, o distanciamento das emoções (o medo exprime-se em afastamento e aversão), mas, reconhecer e deixar-se afetar, por outro lado, pelo poder de uma emoção. Porque o medo é, afinal, também ele uma emoção e, por isso, quem tem medo das emoções não deixa de ser tocado, nessa atitude e nos seus comportamentos, por uma emoção tão determinante como o medo. Ter medo das emoções significa a tentativa de submeter todas as emoções a uma única emoção que é o medo. Por isso, o título exprime, em última análise, a incontornabilidade da experiência emotiva mesmo em quem a parece conscientemente rejeitar.

Gostaria de chamar, numa segunda nota, a atenção para a diversidade da nomenclatura com que se fala destas experiências e desta realidade incontornável da existência humana: emoções, paixões, afetos. Colocar tudo sob o registo dos afetos seria seguir a lição de Espinosa, para quem os afetos se dividem em paixões e ações, as quais, por sua vez podem ter diversas cargas em função da sua inscrição num aumento da potência de agir do ser humano ou na sua diminuição (André, 2022: 163-212). Aparentemente, poderiam considerar-se as emoções como sinónimo de paixões, mas numa linguagem mais moderna. No entanto, uma análise minuciosa dos diversos tipos de afetos permite distinguir os seus diferentes modos de vivência e de expressão, como o faz Enrique Rojas, em *Los lenguajes del deseo* (Rojas, 2004), para quem as emoções são mais diluídas e menos subalternizadoras do pensamento racional e as paixões são mais intensas e mais silenciadoras da razão. Já Chantal Mouffe (Mouffe, 2020), politóloga belga e professora da Universidade de Westminster, prefere o termo paixões para falar de afetos mobilizados no âmbito político, mais do que de emoções, mais ligadas a experiências individuais. Por esse motivo, não nos parece que se possa considerar a emoção como algo que veio substituir, na contemporaneidade, o conceito dito “antigo” de paixão

(p. 17). Ambos continuam a ter hoje a sua pertinência, devidamente definidos e configurados nas suas características específicas. Mas o que é certo é que também, ao longo do livro, nunca nos é dada uma definição clara de emoção, nem tão-pouco de afeto, que permita uma aproximação mais específica ao significado destas palavras. Mesmo tratando-se de um livro não académico, uma aproximação mais semântica dos conceitos facilitaria talvez a sua compreensão.

Esta nota leva-nos a uma outra sobre o que poderíamos chamar os sujeitos dos afetos, e, na verdade, Ana Pais, no desenvolvimento das suas reflexões, vai-nos confrontando sucessivamente com emoções de diversos tipos de sujeitos. Parece-nos assim pertinente distinguir entre sujeitos individuais, em que o que está em causa é o “eu” na sua relação com os outros e com o mundo e no desdobramento da sua relação consigo mesmo; sujeitos individuais em interação (ou soma de sujeitos individuais), que são sujeitos de afetos/emoções em processo de transmissão ou de contaminação, mas em que, apesar da circulação, continuam a ser sujeitos individuais; e, finalmente, as multidões ou sujeitos coletivos, que surgem quando a circulação ou a transmissão de afetos transforma uma soma de sujeitos individuais num sujeito coletivo: é aí que temos o domínio do político na conflitualidade ou no antagonismo que lhe é inerente e da luta pela hegemonia que marca toda a ação política. É neste contexto que nascem as paixões políticas em que a soma dos indivíduos age como um todo ou um subsistema do todo. No livro fala-se de emoções destes três sujeitos, mas, por vezes, a sua não distinção nem sempre permite captar as especificidades de emoções individuais em relação a paixões coletivas. Por exemplo, o medo singular e o medo coletivo, a que se dedica um texto (pp. 36-40), ou a raiva individual e a raiva coletiva, a que se dedica expressamente um outro texto (pp. 48-62), jogam e atuam da mesma forma? Têm o mesmo tipo de eficácia? Potenciam

os mesmos comportamentos? Têm modos específicos de controlo? Muitos dos capítulos fornecem matéria para pensar estas questões, mas nem sempre as equacionam ou lhes dão resposta.

Outro aspeto em que ficamos a pensar, depois da leitura do livro e de inúmeras sugestões que a este propósito são fornecidas, diz respeito ao que poderíamos chamar “antropologia das emoções”. O texto sobre a vulnerabilidade (pp. 22-25) poderia ser um bom ponto de partida para essa antropologia, ainda que não seja esse o caminho que segue, isto é: como se pensa o ser humano que é sujeito das emoções e como se pensam as emoções na sua relação com a respetiva base antropológica? Na perspetiva de um dualismo tradicional (entre corpo e alma), as emoções são pensadas como paixões da alma (Descartes) normalmente resultantes de contactos com o mundo que são sempre mediados pelo corpo. No quadro de uma antropologia mais unitária e integradora, em que corpo ou mente são apenas dois modos ou duas expressões de uma mesma e única realidade, as emoções ou, mais genericamente, os afetos, são modulações do desejo que se exprimem simultaneamente no registo do corpo e no registo da mente e cuja unidade é bem traduzida pela expressão de Pedro Laín Entralgo, médico-filósofo espanhol, “eu sou um corpo que diz eu” (Entralgo, 1991: 243), de que decorre a ideia de que as emoções são emoções de um corpo que diz e se sente como um eu. Nos termos de um dualismo inverso ao dualismo tradicional, as emoções seriam pensadas sobretudo a partir da sua inscrição corpórea: elas inscrevem-se e exprimem-se no corpo, podendo esquecer-se o seu conteúdo cognitivo e a sua dimensão mental e o modo como eventualmente podem afetar a consciência de si. A relegação do corpo para segundo plano no dualismo tradicional suscitaria assim este dualismo de sentido inverso em que tudo é pensado quase só a partir do corpo e no corpo. No livro há, naturalmente e devido ao contexto em que

é escrito (o confinamento dos corpos), uma necessidade grande de pensar as emoções na sua inscrição e na sua expressão corpóreas (o medo, por exemplo), mas constata-se igualmente a importância que tem a articulação das emoções com a consciência de si em diversos momentos e diversas circunstâncias. Por isso, ao fazer um levantamento de gênese de diversas emoções, abre-nos um rico manancial para uma antropologia das emoções, que fica nas suas entrelinhas e que o leitor pode completar com uma reflexão que as prolongue.

Além de uma antropologia das emoções, diversos capítulos deste livro de Ana Pais também nos deixam a pensar numa ontologia das emoções, sem que a refiram expressamente nestes termos. A questão está em saber o que são afinal as emoções em termos ontológicos. Não são coisas, pois falta-lhes substancialidade e permanência no tempo. Também não são meramente qualidades, propriedades ou acidentes das coisas, porque têm aquilo a que se pode chamar uma certa individualidade e uma certa singularidade no seu acontecer. Por outro lado, são dinâmicas, pois não são apenas o que são, mas são potencialmente configurações novas, motivadas pelo seu desenvolvimento e pelo seu cruzamento sistémico umas com as outras. Por isso, o modo como a autora se lhes refere aproxima-as muito daquilo a que G. Böhme chama atmosferas (Böhme, 1995: 33), ou seja, “espaços tingidos pela presença” de algo, pela marca de certas tonalidades, pelo *ekstasis* das pessoas, pela sua esfera presencial e por aquilo que acompanha essa esfera. É por esse motivo que um dos capítulos deste livro é dedicado às atmosferas afetivas (pp. 41-47), de que se diz que “criam espaços que nos envolvem, onde estamos completamente imersos, por onde circulam afetos que nos contaminam e são por nós contaminados, na maior parte dos casos, sem sequer nos apercebermos” (p. 42). E, além disso, não sendo algo pertencente apenas ao domínio do “espiritual”, têm uma materialidade evanescente

e dão ritmo, temperatura, forma, densidade, ao espaço da sua existência. Têm uma base corporal, também, pois na raiz de todo o ser há feixes de paixões e de sentimentos, de tal maneira que poderíamos perguntar: podem os corpos também “perceber” ambiências e atmosferas afetivas? Mas têm, igualmente, sob o ponto de vista ontológico, a natureza de relações que se moldam, estabelecem e transformam através de uma energia que flui dos seus sujeitos e das respetivas ambiências, que se comunica, e muito se fala no livro de “comunicação das emoções” (pp. 74-77), o que sugeriria uma interação fecunda com o conceito de atmosferologia de Tonino Griffero (Griffero, 2010), ou com o conceito de ambiência de Bruce Bégout (Bégout, 2020). Elas correspondem, assim, a fenómenos holísticos que nascem de um todo e interferem com o todo do seu meio e é por isso, como demonstram muitas páginas deste livro, que as emoções e as outras entidades afetivas marcam sempre a nossa relação com o mundo e são até a forma como o mundo ressoa em nós, para utilizar um conceito desenvolvido pelo filósofo alemão Hartmut Rosa (Rosa, 2018).

É esta dimensão holística das emoções que suscita aquilo a que Ana Pais se refere quando fala, por exemplo, da “economia do medo” (p. 39) ou quando, na sequência de Sara Ahmed, se refere à “economia dos afetos” (pp. 48-52), pondo, afinal, a questão: como gerir os afetos? Será que o estado passional aprisiona sempre ou, numa gestão holística das suas formas e modulações, pode conduzir ao *empowerment*, à emancipação e à libertação? A raiva também liberta? Estas perguntas e as respostas que se lhes possam dar pressupõem que, tal como em relação à natureza, a economia seja precedida por uma ecologia. Ou seja, antes talvez de falarmos de uma economia das emoções e da respetiva gestão, pode ser importante pensarmos uma ecologia das relações afetivas e das suas expressões (Miermont, 1996), em que se estudem as emoções como “populações de afetos”, uns negativos

ou predadores, outros positivos, em que se analise o seu chão físico e social e se compreendam os seus diversos subsistemas e outros subsistemas com que interagem, nas suas dinâmicas e conflitualidades (André, 1999: 61-96). Nesse quadro ganhará um outro sentido falar em economia dos afetos ou economia afetiva e ver como eles se podem potenciar, potenciando simultaneamente os respetivos sujeitos, aspetos que não estão de todo ausentes dos textos de Ana Pais.

Entretanto, não sendo um dos temas mais tratados nos ensaios recolhidos neste livro, porque há uma atenção maior à inscrição corporal dos afetos, a relação dos afetos com o pensamento e a racionalidade não deixa de estar aqui presente. Aflora, por exemplo, na descrição das mudanças discursivas de Marcelo Rebelo de Sousa em relação aos afetos, que passam, a dada altura, por uma desafetivação em ordem a uma racionalização. Está também no texto sobre as varandas, na metáfora da água do chá: o pensamento dilui-se na água do “tom emocional do nosso corpo” (p. 82). Está no texto anterior, de forma mais ou menos espinosista, quando se diz que discernirmos aquilo que sentimos torna-se uma ferramenta essencial para uma vida comum eticamente saudável. Espinosa dizia que “um afeto que é uma paixão deixa de ser paixão quando dele formamos uma ideia clara e distinta” (Espinosa, 1989: 512). Emergem, então, neste contexto as seguintes perguntas que são outras tantas formas de prolongar a reflexão suscitada por Ana Pais: o pensamento desencadeia ou pode desencadear emoções? Os pensamentos podem produzir emoções ou ser acompanhados de emoções? E os mesmos pensamentos acompanham sempre as mesmas emoções para todas as pessoas ou numas podem ter um determinado correlato afetivo e noutras um correlato afetivo diferente?

Finalmente, há um outro tópico no livro de Ana Pais e a que ela tem dedicado a sua atenção em outros estudos e fóruns de debate, que

tem que ver com as emoções e o teatro ou, em termos mais gerais, as emoções e o espetáculo, seja ele de natureza artística ou tenha uma dimensão performativa mais vasta em termos sociológicos ou até mesmo políticos. O mote é dado logo no primeiro texto do livro (pp. 16-21), após a introdução, tomando como referência a expressão captada na entrega de um importante prémio de teatro em 2020, em que o patrocinador repetiu várias vezes a expressão “it’s all about emotions!”, e retomado, por exemplo, no texto sobre as mãos (pp. 26-30) ou sobre Madalena (pp. 31-35), colocando-se a tónica nas emoções que o trabalho teatral e os seus sujeitos despertam e nas emoções que se ativam no sujeito ou nos sujeitos do próprio trabalho teatral. Pareceria que isto coloca todos os dados da questão: as emoções que despertamos e as emoções que nos despertam. E, a partir daí, Ana Pais faz um percurso rápido e informado sobre alguns dos marcos no aprofundamento do papel das emoções no teatro, desde a Antiguidade Clássica à contemporaneidade, passando por Diderot no século XVIII, por Stanislavski na passagem do século XIX para o século XX, pelo Actor’s Studio e por alguns contributos mais recentes sobre o papel e o estatuto das emoções na arte teatral. A este propósito, gostaria de deixar algumas notas que me parecem importantes. Nem tudo se resume, em teatro, à questão de saber que emoções despertamos e que emoções nos despertam. O teatro é efetivamente um labirinto alquímico de emoções, mas as coisas são um pouco mais complicadas. Porque não há apenas criadores (dramaturgos, atores e encenadores) e público, mas há também uma entidade incontornável que não se identifica com nenhum destes intervenientes, a entidade das personagens, fazendo que o ator se desdobre numa duplicidade de emoções e numa duplicidade de consciência: o ator que representa Hamlet não é Hamlet e as emoções que sente ou desperta não são as mesmas que Hamlet sente ou desperta, nem a sua consciência é a consciência de Hamlet (André, 2016: 133-170).

E é aí que está o segredo ou a alquimia do teatro (Le Breton, 1998: 199-213). E disso tiveram consciência autores como Diderot, Stanislavski ou Brecht, para citar apenas alguns casos. Diderot deu o mote com o paradoxo do ator e o fundador do Teatro de Arte de Moscovo deu-lhe continuidade ao estabelecer a diferença entre a vivência das emoções na preparação de um papel e a sua representação em palco, reconhecendo que é em casa e nos ensaios que o ator sente o que sente a personagem, que pode “chorar até mais não poder”, mas que em palco concentra tudo em fazer com que o espectador sinta as emoções que representa, emoções que não tem de sentir no momento em que representa, uma vez que isso lhe retiraria poder e força para conduzir o espectador ao ponto onde o quer levar (Stanislavski, 2006: 115).

Ainda sobre o teatro e as emoções, terminaria com uma referência ao aparentemente esquecido e frequentemente mal interpretado Bertolt Brecht. Tal como o suposto “realismo” leva muitas vezes a esquecer outros lados do trabalho de Stanislavski, também uma interpretação enviesada do efeito de distanciação pode desfigurar algumas das propostas do teatrólogo, encenador e dramaturgo alemão. Significa esse efeito a eliminação da emoção ou a sua suspensão? Penso que, aprofundando com seriedade as suas propostas, chegaríamos à conclusão de que não será bem assim. Em última análise, o efeito de distanciação é antes a ativação de uma razão que sente e de uma afetividade que pensa. É porque a afetividade pensa, que não pode sucumbir às astúcias do sentimento, e é porque a razão sente que não permanece insensível às injustiças do mundo. Tudo é emoção, sim, mas também tudo deverá, ao mesmo tempo e no mesmo ato, ser pensamento. É isso que marca o teatro no seu prazer lúdico. E este livro de Ana Pais é um bom exemplo disso.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHMED, Sara (2004), *The cultural politics of emotion*, New York, Routledge.
- ANDRÉ, João M. (1999), “Da educação pela arte a uma ecologia dos afetos”, in *Pensamento e afetividade. Sobre a paixão da razão e as razões das paixões*, Coimbra, Quarteto, pp. 61–96.
- (2016), “Da antropologia filosófica à antropologia do teatro: as interfaces do ator”, in *Jogo, corpo e teatro: a arte de fazer amor com o tempo*, Coimbra, Angelus Novus, pp. 133–170.
- (2022), “Racionalismo e afetividade: sobre os princípios estruturadores das paixões em Descartes e em Espinosa”, in *Renascimento e Modernidade: releituras filosóficas*, Coimbra, Grácio Editor, pp. 163–212.
- BÉGOUT, Bruce (2020), *Le concept d’ambiance*, Paris, Éditions du Seuil.
- BÖHME, Gernot (1995), *Atmosphäre. Essays zur neuen Ästhetik*, Frankfurt, Suhrkamp, p. 33.
- BRENNAN, Teresa (2004), *The transmission of affect*, Ithaca, University of Cornell.
- ENTRALGO, Pedro Laín (1991), *Cuerpo y alma. Estructura dinámica del cuerpo humano*, Madrid, Espasa Calpe, p. 243.
- ESPINOSA (1989), *Ethica*, pars V, prop. 3, II, *Spinoza Werke*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p. 512.
- GRIFFERO, Tonino (2010), *Atmosferologia. Estetica degli spazi emozionali*, 2.ª ed., Milano, Mimesis Edizioni.
- LE BRETON, David (1998), *Les passions ordinaires. Anthropologie des émotions*, Paris, Armand Colin, pp. 199–213.
- MIERMONT, Jacques (1996), *Ecologia das relações afetivas. Para um paradigma ecossistémico*, trad. F. Oliveira, Lisboa, Instituto Piaget.
- MOUFFE, Chantal (2020), *Politica e passioni, Il ruolo degli affetti nella prospettiva agonistica*, Roma, Castelvecchi.
- ROJAS, Enrique (2004), *Los lenguajes del deseo. Claves para orientarse en el laberinto de las pasiones*, Madrid, Temas de hoy.
- ROSA, Hartmut (2018), *Résonance. Une sociologie de la relation au monde*, trad. S. Zibelfarb, Paris, Éd. La découverte.
- STANISLAVSKI, Constantin (2006), *A construção da personagem*, trad. P. de P. Lima, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 115.

